2 Quadro teórico

Neste capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos que dão suporte às hipóteses assumidas na pesquisa aqui desenvolvida. Considera-se uma possível aproximação entre Psicolinguística e os desenvolvimentos recentes da teoria linguística Gerativista, nomeadamente o Programa Minimalista (Chomsky 1999-2001), delineando-se um quadro teórico sob cuja perspectiva os resultados dos experimentos realizados no âmbito desta tese possam ser analisados e discutidos.

2.1 **Articulação entre *teoria de aquisição da linguagem e teoria lingüística no estudo da aquisição do adjetivo***

Uma teoria de aquisição da linguagem deve necessariamente satisfazer a duas questões fundamentais: determinar, em primeiro lugar, o que de fato está sendo adquirido pela criança, e explicitar, em segundo lugar, o processo pelo qual a criança adquire o que deve ser adquirido. A primeira questão pressupõe uma teoria de língua e representa o ponto de partida de qualquer teorização sobre a aquisição da linguagem. Já a segunda diz respeito a uma teoria de processamento lingüístico e configura-se como aquilo que deve ser explicado por uma teoria do processo de aquisição (cf. Corrêa, 2002).

De acordo com o modelo de língua aqui tomado como referência, a tarefa da criança, ao adquirir uma língua, envolve a fixação do valor de parâmetros de GU, levando em conta as propriedades do material lingüístico a que é exposta e, em particular, de elementos do léxico, passíveis de serem identificados no processamento da fala.

Hauser, Chomsky & Fitch (2002) caracterizam a faculdade da linguagem em duas perspectivas: no sentido estrito e no sentido amplo. No primeiro sentido (FLN – *Faculty of Language in the narrow sense*), constitui-se de um sistema

computacional lingüístico⁸, universal (i.e., comum a todas as línguas naturais) e um léxico, adquirido mediante experiência lingüística. No segundo sentido (FLB – *Faculty of Language in the broad sense*), compreende FLN e sistemas cognitivos perceptuais e conceptuais com os quais faz interface. Dessa forma, a proposta explícita, de um lado, o caráter específico da capacidade lingüística humana e, de outro, a sua relação com outros sistemas cognitivos, integrada a uma noção mais ampla de cognição.

Tal concepção de faculdade da linguagem é compatível com um modelo psicolingüístico do processo de aquisição de uma língua natural. Ainda que a criança nasça com uma predisposição para a linguagem, é preciso que ela capte propriedades da língua de seu meio. A partir de seu aparato perceptual, ela começa a discriminar características prosódicas e fonéticas, que lhe permitirão a segmentação do *continuum* da fala em unidades menores até identificar alguns elementos do léxico. A formação de um léxico inicial viabiliza o desencadeamento do sistema cognitivo que, por sua vez, permite a identificação de traços e seus valores, pertinentes àquela língua. As teorias de *bootstrapping* se baseiam na análise da fala como desencadeador do processo de aquisição lexical e sintática.

Conforme se mencionou na introdução deste trabalho, será apresentada a hipótese do *bootstrapping fonológico* como uma teorização que visa a explicar de que modo a criança chega à sintaxe de sua língua, levando em conta propriedades perceptíveis nos sons da fala. Segundo essa hipótese, assume-se que a percepção de contornos prosódicos, bem como a discriminação de informação de ordem fonética relativa a acento e a padrões distribucionais, dentre outros, forneceria pistas perceptuais para a delimitação de unidades sintáticas (como orações, sintagmas) e para a identificação de elementos recorrentes, que constituem uma classe fechada, com distribuição própria, servindo de base para o processamento do material lingüístico. Uma vez tendo início o mapeamento da estrutura sintática

⁸ O sistema computacional pode ser visto como um conjunto de operações que atua sobre os *traços formais* do léxico que se encontram expressos (ou não) em seqüências fonológicas, dando origem a objetos sintáticos que são posteriormente codificados nas interfaces fonética e semântica (cf. Chomsky, 1995). Para mais informações a esse respeito, ver seção 2.2 neste capítulo.

da língua e a constituição inicial do léxico, tais informações permitiriam a apreensão de informação semântica (cf. *Bootstrapping* Sintático: Gleitman, 1990).

A hipótese do *bootstrapping* sintático (Gleitman, 1990) considera que a criança interpreta um dado evento de fala guiada pela estrutura sintática. Para isso, é necessário assumir uma predisposição por parte do aprendiz da língua para tratar a informação lingüística de modo a reconhecer uma estrutura hierárquica⁹. Concebida para dar conta da aquisição de verbos, essa proposta, ao assumir um pareamento entre estrutura argumental e semântica, explora a idéia de que o *parsing* sintático inicial (que corresponde a uma das etapas do processo de compreensão lingüística) poderia levar a criança a identificar o significado do verbo, uma vez atribuídos papéis temáticos (como agente, tema, alvo, beneficiário, etc.) a elementos que entram em relação nessa estrutura.

Transpondo tal concepção para o foco desta tese, propõe-se que a delimitação de elementos das categorias N e A implica o reconhecimento, pela criança, das propriedades inerentes a essas categorias e do *modo* como são expressas na língua. Com base nas abordagens apresentadas, propõe-se que a distinção entre *nomes* e *adjetivos* requer: (i) que propriedades dessas categorias sejam expressas nos enunciados lingüísticos, e (ii) que a criança seja capaz de identificar no *input* tais propriedades. Considera-se ainda que o DP possa ser tomado como expressão referencial pela criança para a definição das propriedades semânticas do adjetivo no uso da língua, no que diz respeito à referência específica ou avaliativa.

⁹ De acordo com a teoria lingüística aqui tomada como referência, a computação sintática parte de um arranjo ou sub-arranjo inicial de elementos pré-selecionados do léxico (*Lexical Array*). Esses elementos são selecionados, combinados e posicionados hierarquicamente, de modo que sua posição hierárquica corresponda à posição linear com que se apresentam na língua. Em vista disso, esse modelo de língua incorpora o chamado *Axioma da Correspondência Linear* – LCA (do inglês, *Linear Correspondence Axiom*), como proposto por Kayne (1994):

(1) LCA

Sejam X, Y não-terminais e x, y terminais, tal que X domina x e Y domina y.
Se X c-comanda assimetricamente Y, então x precede y.

Kayne propõe que todas as línguas teriam a mesma ordem básica. O *Axioma*, portanto, é uma forma de mapear os marcadores frasais em uma determinada ordem linear de *terminais*. Chomsky (1995) considera que o LCA é uma condição que opera no componente fonológico, em decorrência da necessidade, imposta pela Forma Fonética, de linearização de uma estrutura.

Portanto, no que tange à hipótese do *bootstrapping* sintático, a criança seria capaz de perceber que o traço categorial definidor de adjetivos diz respeito à atribuição de propriedades a entidades e eventos, ou, em termos sintáticos, à modificação de um N/NP ou à predicação de um DP, por meio da análise sintática a qual ela já é apta a conduzir, aliada ao pressuposto de que enunciados lingüísticos se referem a entidades e eventos.

Assim, seguindo essa perspectiva, o problema de como se dá o desencadeamento da aquisição da categoria *adjetivo* (em qualquer língua na qual ele se realize como elemento de classe aberta ou de classe fechada, sob a forma de afixos¹⁰) pode ser formulado em termos de um processo que compreende: (i) a segmentação, pela criança, do *input* lingüístico que lhe é oferecido; (ii) o estabelecimento de uma relação entre aquilo que se mostra acessível à criança em termos de *padrões regulares* que se apresentam na interface fônica e o que se constitui como informação acessível ao sistema computacional¹¹, responsável pelo tratamento lingüístico dessa informação; (iii) a capacidade por parte da criança de tomar o produto do processamento do sinal da fala como interface fônica para a sintaxe da língua, vinculando a esta uma interface de natureza semântica/intencional (cf. Corrêa, 2006). Tal assunção é relevante no que se refere à identificação de propriedades de traços formais¹² (entre os quais se encontram N e V, no que pode ser assumido como traços categoriais), uma vez que sobre eles opera o sistema computacional na aquisição do léxico.

Assumindo-se essa proposta, investiga-se o papel de elementos de classe fechada e padrões de ordem, conforme mencionado anteriormente, captados pela criança na interface fonética a partir de um procedimento de *parsing* de enunciados lingüísticos, o que permite a ela distinguir nomes e adjetivos, por exemplo. Portanto, do ponto de vista da aquisição de adjetivos no PB, a criança

¹⁰ No capítulo 3, apresentam-se brevemente diferenças entre línguas no que tange à forma de representação de informação veiculada pelo *adjetivo*.

¹¹ O sistema computacional deve ser aqui entendido como um *recurso* da mente/cérebro, e não como um *conhecimento a priori*, tal qual era concebido na teoria lingüística originalmente (cf. Chomsky, 1991).

¹² Em sentido estrito, a identificação da gramática é vista como identificação das propriedades dos traços formais de categorias funcionais. No entanto, uma vez que o adjetivo pode ser realizado de diferentes formas na morfologia das línguas, considera-se que sua delimitação também seja crucial à identificação de uma gramática.

deverá captar o fato de que os adjetivos admitem diferentes posições no enunciado em função da estrutura sintática em que se inserem. Ela deverá ser capaz também de perceber que a interpretação do adjetivo é dependente do processamento da relação sintática estabelecida com o nome e da representação conceptual de atributos.

Na medida em que se considera, segundo a proposta do Programa Minimalista, que o léxico é um feixe de traços, é possível tomar a teoria lingüística como informativa a teorias de aquisição da linguagem, uma vez que a criança, a partir dos dados que se fizerem “visíveis” nas interfaces, terá acesso a informações relativas a: (i) um conjunto de propriedades dos sons da fala, do qual ela deverá selecionar os que possuem caráter distintivo (fonológico) em sua língua; (ii) um conjunto de possibilidades conceptuais, do qual ela identificará o que pode ser lexicalizado.

Assumindo-se que a criança seja biologicamente “programada” para estabelecer uma relação entre som/sentido, ela deverá, então, ser capaz de proceder a um mapeamento arbitrário entre traços fonológicos e traços semânticos. Deverá, também, ser capaz de distinguir o que se constitui como traços formais, considerando-se que, de acordo com essa proposta, o sistema computacional “atua” sobre eles, por meio de operações que não só combinam elementos de forma recursiva e estruturada (*Merge*), como também ajustam valores a eles conferidos por meio de concordância (*Agree*). Portanto, a relevância dos traços formais para o processo de aquisição se explica, na medida em que eles representam informação biológica estritamente lingüística “lida” pelo componente computacional.

No que diz respeito à delimitação da categoria *adjetivo*, a criança deverá ser capaz de processar nos dados do *input* informação distribucional e morfofonológica relativa a elementos de classes fechadas, tais como categorias funcionais e afixos (no caso deste estudo, os sufixos derivacionais). Por meio da fixação do valor [+N,-V], [+N,+V], seria possível a ela distinguir nomes e adjetivos, quando do mapeamento de enunciados lingüísticos a entidades/eventos e a propriedades, respectivamente. Além disso, os sufixos derivacionais

semanticamente não-vazios (como *-oso* e *-ento*, no caso deste trabalho) se constituem como pistas para a delimitação do adjetivo, enquanto categoria que atribui propriedades ao nome a que se refere (cf. capítulo 6).

O arcabouço do Programa Minimalista aqui tomado como referência adota a distinção clássica entre flexão e derivação: a flexão adiciona informação a uma palavra (atribuição de caso, concordância nominal ou verbal), representando a interação entre a morfologia e a sintaxe, enquanto a derivação muda a informação para que possa haver a transformação de classe. Em outras palavras, a morfologia flexional está diretamente relacionada às operações da sintaxe, enquanto a morfologia derivacional estaria circunscrita a um momento pré-sintático, de formação do léxico, a partir da distinção de classes de palavras (Chomsky, 1995, pp. 59-60). Portanto, a identificação de traços formais é tratada na morfologia flexional, ao passo que o tratamento de informação de natureza semântica, como a interpretação dos sufixos derivacionais *-oso* e *-ento*, por exemplo, compete à morfologia derivacional, cuja aquisição parece ser mais tardia (cf. resultados do Experimento 4, capítulo 6). A análise de que entre os afixos derivacionais *-oso* e *-ento*, o sufixo *-ento* carrega a negatividade (Experimentos 3 e 4, capítulo 6) é compatível com essa distinção, pois atribui a faculdade de mudança semântica à entrada de um dado sufixo na derivação.

Como se procurou demonstrar, a abordagem psicolinguística aliada a uma concepção minimalista de língua para o estudo da aquisição de adjetivos mostrou-se compatível com a idéia de que a distinção entre elementos de classes abertas e fechadas, no processamento do *continuum* sonoro da fala, é fundamental para o desencadeamento da sintaxe. A identificação de itens funcionais por meio de informação de ordem prosódica e distribucional é condição necessária para que o processamento sintático seja iniciado (cf. Corrêa, no prelo). Desse modo, determinantes e afixos, por exemplo, são elementos de classes fechadas particularmente informativos, pois compartilham propriedades fonéticas e supra-segmentais (Cf. Storkel, 2001), além de apresentarem distribuição fixa, padrões esses que a criança identifica na interface fônica. Em português, determinantes precedem nomes e adjetivos (elementos de classe aberta); afixos flexionais, bem

como os derivacionais formadores de adjetivos, se ligam à direita de raízes lexicais.

Além disso, a proposta de a teoria lingüística restringir a variação paramétrica a categorias funcionais se mostra favorável à criança, que precisa extrair informação de ordem sintática dos sons da fala, encarregada de guiar o processamento lingüístico na atribuição de valor gramatical a padrões recorrentes e no pressuposto de que enunciados lingüísticos fazem referência a entidades e eventos. Nesse sentido, o Programa Minimalista apresenta-se como uma proposta compatível com hipóteses acerca do processo de aquisição da linguagem identificadas como *bootstrapping* fonológico e sintático. Na seção a seguir, apresentam-se, em linhas gerais, os principais pressupostos teóricos daquela proposta, destacando-se suas principais reformulações (Chomsky, 1995, 1999, 2001).

2.2

O Programa Minimalista

Chomsky e seus colaboradores, ao apresentarem o Programa Minimalista (Chomsky 1995 e desenvolvimentos posteriores) (doravante PM) como um novo conjunto de direcionamentos para a pesquisa no âmbito da Lingüística Gerativista, concebem língua, no sentido de *língua-interna*¹³, enquanto um procedimento gerativo que incorpora um sistema computacional lingüístico universal (único para as línguas humanas) e um léxico, constituído de matrizes de traços fonológicos, semânticos e formais¹⁴, com parâmetros fixados. O sistema computacional opera sobre os traços formais, sendo que essas operações, comuns às línguas humanas, não seriam passíveis de aquisição. O Léxico, componente que reúne as especificidades de uma língua, corresponde a um conjunto de itens

¹³ O conceito de *língua-i* torna mais clara a concepção de *competência lingüística*, na medida em que o adjetivo *interna* permite distinguir os dois componentes que constituem a língua – o que é específico e adquirido, e o que corresponde à contribuição do estado inicial. (Corrêa, 2005)

¹⁴ Os chamados *traços formais*, ainda que possam ser caracterizados por propriedades que contenham conteúdo ou motivação semântica, desempenham um papel na sintaxe – como os traços categoriais (N e V) e os traços de gênero, número, pessoa (traços-*phi*) (Chomsky, 1995).

lexicais concebidos como “feixes” de traços e constituiria o conhecimento a ser adquirido a partir da experiência lingüística.

De acordo com Chomsky (1999), uma língua L fornece informação para os sistemas cognitivos com os quais faz interface, a saber, o sistema articulatório-perceptual (A-P) e o sistema conceitual-intencional (C-I), através de níveis de representação lingüística: PHON e SEM (ou PF - *Phonetic Form* - e LF - *Logical Form*, como nas primeiras versões do PM).

A Língua L é o conjunto de expressões [EXP] que contêm uma componente semântica e fonética, sendo cada expressão lingüística EXP representada do seguinte modo:

$$(1) \text{ EXP} = \langle \text{PHON}, \text{SEM} \rangle$$

PHON representa as instruções para o sistema sensório-motor e SEM as instruções para o sistema conceitual-intencional. As instruções a enviar para o primeiro devem obedecer, entre outras restrições, à linearidade temporal, imposta pelas estruturas silábicas e prosódicas ou por propriedades e relações fonéticas. O sistema conceitual, por seu lado, precisa de informação relativa à interpretação das unidades, das relações entre os elementos da estrutura argumental, das propriedades de escopo, das estruturas eventivas ou quantificacionais, sendo essas relações codificadas em conjuntos de traços semânticos e formais.

Uma língua L permite gerar um conjunto de expressões distintas, sendo cada expressão constituída por um ou vários itens lexicais. A cada item corresponde determinado conjunto de traços fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. Esses traços podem ser interpretáveis (o que implica que têm conteúdo semântico) ou não-interpretáveis, importantes para a computação sintática. Para gerar as expressões EXP, a GU disponibiliza um conjunto {F} de traços (propriedades lingüísticas), um conjunto de parâmetros universais e várias operações de C_{HL} (o sistema computacional da linguagem humana, a sintaxe) que podem se juntar a {F} quando se formam expressões lingüísticas. Portanto, adquirir uma língua particular implica extrair de {F} um subconjunto de traços

[F], fixar um valor dos parâmetros universais e formar itens lexicais (LEX)¹⁵. Os elementos de LEX pertencem a dois conjuntos possíveis: categorias lexicais (CL) e categorias funcionais (CF). Das categorias lexicais fazem parte elementos das denominadas “classes abertas” (como Nomes, Adjetivos, Verbos); já as categorias funcionais caracterizam-se como sendo classes fechadas, de que fazem parte Determinantes (DP), Tempo (verbal – IP), Complementizador (CP) – importantes para referência a entidades, situação do evento e força ilocucionária, respectivamente (Chomsky, 1995).

A informação disponibilizada nos níveis de representação que fazem interface com os sistemas de desempenho deve ser interpretável (legível) nesses níveis, isto é, PHON apresenta traços fonológicos como uma interface fonética com o sistema perceptual-articulatório, e SEM apresenta traços semânticos (e traços formais interpretáveis) como interface com o sistema conceptual-intencional. Desse modo, os sistemas de desempenho impõem restrições de legibilidade às operações do sistema computacional, em conformidade com o que se denominou de *Princípio da Interpretação Plena*. A obediência a esse princípio se constitui, assim, como uma condição necessária¹⁶ à boa formação de uma sentença (gramaticalidade), uma vez que uma expressão lingüística é tomada nessa concepção como sendo formada pela associação entre objetos fonéticos e semânticos.

Por meio de *Select*, itens de uma Numeração são selecionados para a derivação de uma sentença. A operação *Merge* agrega elementos de forma recursiva, construindo estruturas sintáticas hierárquicas (assimétricas, portanto, tendo em vista a natureza da relação núcleo/complemento). O *Princípio de Localidade*, por seu lado, indica que as operações gramaticais são locais, o que

¹⁵ Em uma dada língua, o processo de derivação de expressões lingüísticas consiste em definir e juntar pares de instruções <PHON,SEM> para cada elemento de LEX, de forma a produzir EXP, sendo os traços relevantes introduzidos no decorrer da computação. O LA de uma língua L é definido do seguinte modo: L seleciona [F] assim como determina regras de combinação para os elementos de [F], o que define o seu LEX. Nesse caso, LA é a lista de elementos de LEX que é acessível no ciclo de uma derivação (Chomsky, 2001:4).

¹⁶ É importante salientar que a condição é *necessária*, mas não é *suficiente* para a convergência de estruturas, haja vista a necessidade de satisfazer também a condições de *Economia*. Por esse princípio, considera-se que as línguas humanas operam de modo tal que os custos computacionais sejam minimizados. (cf. CHOMSKY, 1995: 308)

significa que *Merge* opera sempre de forma a “procurar o constituinte relevante mais próximo” (Chomsky, 2001). se as condições de economia do sistema computacional são relevantes para que a Faculdade da Linguagem opere otimizada, então devem ter um papel também na aquisição.

Uma *fase* é um subconjunto do LA de uma derivação, e corresponde a uma unidade proposicional¹⁷. A partir de *Spell-Out*, os objetos sintáticos da derivação são enviados para PHON e SEM, onde os traços fonológicos e semânticos, organizados em matrizes, deverão assumir formas passíveis de serem pronunciadas ou ouvidas, dando origem à forma fônica, e interpretadas semanticamente, dando origem à interface lógica. Portanto, o par PHON/SEM se caracteriza por conter, de um lado, toda informação requerida para a percepção/produção do sinal acústico em termos de fonemas para a articulação do som e, de outro, toda informação necessária à interpretação relativa ao significado. Tem-se, assim, a formalização sugerida no PM do modo como a informação lingüística é tratada nas interfaces. Se a relação entre PHON e SEM é essencial para a Faculdade da Linguagem, enquanto interfaces do sistema computacional, então pressupõe-se que não apenas a Forma Fonética seja a interface transparente para a criança, mas que a Forma Lógica igualmente tenha o seu papel no processo de aquisição.

No próximo capítulo, apresentam-se considerações acerca do tratamento dado ao adjetivo na tradição gramatical, explorando-se dificuldades em se delimitar fronteiras entre adjetivos e substantivos, incluídos, por muitos gramáticos, na mesma categoria *nome*. Em seguida, faz-se um levantamento de critérios elaborados a partir de estudos desenvolvidos no âmbito da morfologia do português, na tentativa de melhor caracterizar os adjetivos enquanto categoria lexical. Na seqüência, com base em estudos orientados pela lingüística gerativista chomskyana, discutem-se questões importantes sobre o tratamento dado ao adjetivo, tendo em foco o modo como essa categoria se realiza em diferentes línguas, destacando-se sua natureza morfológica variável (como elemento de classe aberta ou fechada), o que demonstra a singularidade do *adjetivo*.

¹⁷ Uma *fase*, na sua definição original, corresponde a uma unidade proposicional cujo núcleo é uma das categorias funcionais básicas (v ou C) com traços- ϕ . (cf. Chomsky, 1999)